



Castro: desafio é passar de economia "bem comportada" para crescimento rápido

LEO PINHEIRO/VALOR

Condições são insuficientes para crescimento rápido, afirma Castro

Economia - Brasil

Chico Santos e Francisco Góes

Do Rio

O Brasil dispõe de condições favoráveis, mas ainda não suficientes, para fazer a economia transitar para o crescimento rápido nos próximos anos, disse ontem o economista Antonio Barros de Castro, assessor especial do Ministério do Planejamento. Entre os fatores que podem alavancar o crescimento sustentado, Barros citou o perfil industrial diversificado do Brasil, a incorporação das exportações às estratégias das empresas e a abertura do governo ao diálogo com os agentes econômicos.

"Existem fatores idiossincráticos mostrando que pode haver combinação própria brasileira que leve ao crescimento rápido", disse Castro ao falar no Mini-Fórum Nacional, no Rio. Castro afirmou que não há receitas de bolo para permitir o crescimento rápido e que ele depende, sobretudo, de soluções locais. Ele citou estudo dos economistas Ricardo Hausmann e Dani Rodrik, que identifi-

cou 83 casos de países que transi-
aram para o rápido crescimento.

"O estudo mostra que as hipóte-
ses convencionais sobre por que se
transita para o crescimento acele-
rado são frágeis e não têm robus-
tez. As reformas liberalizantes, da
década de 90, explicam somente
10% dos casos", disse. Castro argu-
mentou que o desafio é encontrar
maneira de o Brasil passar de uma
economia "bem comportada" (sem
problemas inflacionários e de câmbio e com uma regime ma-
croeconômico consistente) para o
crescimento rápido.

"A economia bem comportada tem como limite o pleno emprego dos fatores, ou seja, é ter um Gre-
enspan (Alan Greenspan, presi-
dente do Federal Reserve) nos tró-
picos calibrando a política macro,
com um olho na inflação e outro
no emprego. Isso dá um ritmo de
crescimento. É o afastamento do
stop and go e o reforço da confian-
ça, sobretudo agora que as empre-
sas descobriram as exportações e
estão enraizadas nas vendas exter-
nas", afirmou Castro. Avaliou que o

aumento das exportações foi um
repositionamento das empresas
frente à fragilidade da economia
na história recente do Brasil.

Também no Mini-Fórum, o eco-
nomista-chefe do Bird (Banco Mundial) para o Brasil, Mark Thomas, fez pesadas críticas à forma
como são usados no país os bancos
públicos. "O setor financeiro pú-
blico no Brasil é a soma de um con-
junto complicado de taxas espe-
ciais, algumas das quais ineficien-
tes, créditos direcionados, para,
por exemplo, moradia e agricultu-
ra, a preços não estabelecidos pelo
mercado. Tais arranjos foram sur-
gindo gradualmente e de forma
cumulativa ao longo do tempo. A
lógica sugere que, quase com cer-
teza, eles não vêm sendo ideais do
ponto de vista do crescimento eco-
nômico", afirmou.

Thomas sugeriu que "uma estra-
tégia de crescimento moderno pa-
ra o Brasil considere a vocação
das grandes instituições financei-
ras do setor público e em especial,
devido à sua enorme importância,
a do BNDES (Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e So-
cial)". O debate sobre a estratégia,
na opinião do economista do Bird,
deveria ser direcionado, no aspec-
to das instituições financeiras pú-
blicas, para a melhor forma de
aproveitamento do capital huma-
no que elas possuem, na visão de
Thomas, acima da média do exis-
tente em países em condições se-
melhantes ao Brasil.

Ele também fez críticas ao des-
matamento da Amazônia, afir-
mando que pode ser bom a curto
prazo, mas é ruim no longo prazo e
afirmou que qualquer discussão
sobre reforma política "não pode
fugir do assunto do federalismo
brasileiro". Sem entrar em detalhes
sobre a organização federativa,
disse que os três episódios de cres-
cimento forte no Brasil —no Esta-
do Novo (Getúlio Vargas), no Pla-
no e Metas (Juscelino Kubitschek)
e no Milagre Brasileiro (regime mi-
litar) "todos ocorreram sob regi-
me centralizado". Criticado na fase
de debates, afirmou que não esta-
va dizendo que a democracia atra-
palhava o crescimento.